

CONSIDERAÇÕES DISCURSIVAS SOBRE O USO DE APLICATIVOS EM SALA DE AULA

Paulo Hernandes Gonçalves da Silva (IFTO e UFT)

paulohg@ifto.edu.br

Marcondes Coelho Feitoza (IFAM)

marcondes.feitoza@ifam.edu.br

Douglas Ferreira Chaves (FAIARA)

douglaschaves87@gmail.com

Haryson Huan Arruda da Silva Santos (IFTO)

harysonhuan@gmail.com

Luís Alberto Libânio Lima (IFTO)

luislla@gmail.com

RESUMO

O presente artigo demonstra perspectivas do uso de aplicativos como ferramenta de apoio ao processo de ensino e aprendizagem. Observa-se que as novas tecnologias estão presentes na vida das pessoas e, principalmente, dessa nova geração de estudantes, transformando o cotidiano de todos. Objetivou-se analisar os discursos da contribuição dos aplicativos na formação escolar discente, bem como a melhoria nas estratégias de ensino. A metodologia ocorreu com base na revisão bibliográfica, nas considerações conceituais e nos recortes de postagens nas redes sociais. Tem-se como resultado alcançado o reconhecimento da necessidade de o professor apresentar domínios sobre as ferramentas e tecnologias que for usar, além de criatividade para desenvolver atividades com aprendizagem efetiva e entretenimento.

Palavras-chave

Aplicativos. Discursividade. Ensino e tecnologia.

ABSTRACT

This article demonstrates perspectives on the use of applications as a tool to support the teaching and learning process. It is observed that new technologies are present in people's lives and, mainly, in this new generation of students, transforming everyone's daily life. The objective was to analyze the speeches of the application's contribution in student education, as well as the improvement in teaching strategies. The methodology was based on literature review, conceptual considerations and clippings of posts on social networks. As a result, the recognition of the teacher's need to present mastery of the tools and technologies they will use, as well as creativity to develop activities with effective learning and entertainment, has been achieved.

Keywords

Applications. Discourse. Teaching and technology.

1. Considerações iniciais

Para Morin (1986), a informação é fator preponderante de poder e mudança social. Dentre os aspectos importantes dessa nova sociedade tem-se a tecnologia da informação e seus aplicativos. E por isso, a frequente evolução dos elementos tecnológicos na sociedade capitalista revoluciona significativamente o modo de viver, pensar, agir e comunicar, alterando a estrutura da sociedade baseada nos modelos tradicionais de produção, o que não seria diferente com o processo de ensino e aprendizagem.

A tecnologia é dinâmica e evolui com celeridade. O seu desenvolvimento nunca é finalizado. A rapidez no seu desenvolver dificulta identificar como as novas formas de organização funcionarão no futuro. Existem inúmeras formas de inovação, com diferentes tipos de efeitos competitivos e o assunto tem sido um tema importante na literatura que trata do assunto, porém urge uma preocupação com os rumos tomados na educação, face às modificações da tecnologia (Cf. GOODMAN, 1990).

Nesta perspectiva, acreditando que as tecnologias móveis podem promover a ampliação e o enriquecimento das oportunidades educacionais para estudantes em diversos ambientes, é necessário fazer estudos aprofundados. Várias diretrizes, por exemplo, foram divulgadas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), com o objetivo de auxiliar os formuladores de políticas a compreender melhor o significado de aprendizagem móvel e quais os benefícios que podem ser usados para permitir o progresso da inclusão e educação para todos (Cf. GROSSI; FERNANDES, 2014).

O presente artigo se justifica em analisar os discursos da contribuição dos aplicativos na formação escolar discente, bem como a melhoria nas estratégias de ensino. Precisa-se compreender e reconhecer a necessidade de o professor apresentar domínios sobre as ferramentas e tecnologias que for usar, além de criatividade para desenvolver atividades com aprendizagem efetiva e entretenimento.

2. Percorso metodológico da pesquisa

O presente artigo levou em considerações as perspectivas sociolinguística, bibliográfica e discursiva. O caminho metodológico ocorreu com base na revisão bibliográfica, e em estudos de pesquisadores,

que apresentam conhecimento sobre o assunto, bem como a pesquisa de campo por meio de recortes de postagens nas redes sociais.

Sobre a revisão bibliográfica, Gatti (2017) estabelece que um ponto enfático é a abordagem interdisciplinar em busca do referencial teórico, que relaciona outras áreas, o que de uma forma geral tende a ser muito enriquecedor no resultado da pesquisa.

Para Orlandi (1999), no tocante à perspectiva metodológica, a Análise do Discurso é um campo de pesquisas que não possui uma metodologia pronta ou acabada. E por isso, ao se observar os elementos constitutivos do delineamento teórico que balizarão suas análises, o analista do discurso estará simultaneamente alçando os dispositivos metodológicos.

Trata-se do objeto (*corpus*) e os efeitos de sentido que vão impondo a teoria a ser trabalhada, pois a teoria e metodologia caminham juntas, lado a lado, uma dando suporte a outra, não podendo serem separadas (Cf. ORLANDI, 2002).

A este respeito, enfatiza-se que:

Em Análise do Discurso, a metodologia de análise não incide em uma leitura horizontal, ou seja, em extensão, tentando observar o que o texto diz do início ao fim, mas, realiza-se uma apreciação em profundidade, que é possibilitada pela descrição e interpretação em que se examina, por exemplo, posições, sujeitos, imagens e lugares estabelecidos a partir de regularidades discursivas demonstradas nas materialidades. (SILVA; ARAÚJO, 2017 p. 20)

Por sua vez, a utilização de recortes de redes sociais, observa-se que nesses fragmentos, o analista pode ponderar cada enunciado, pois segundo Foucault (1995), fica a idealização de um elemento suscetível de ser separado e capaz de entrar em jogo de relações com outros subsídios semelhantes a ele. Segundo o autor, o enunciado é uma pequena fração que precisa de um apoio material, tem uma data e lugar, e é determinado por um indivíduo em seu contexto.

3. A dinamicidade nas inovações tecnológicas e no ensino

De acordo com Fantin (2007), a revolução técnica e científica, provocou mudanças, também, na relação escola-aluno, propondo como desafio a inserção das ferramentas midiáticas na educação. Sobre essa

nova prática desafiadora para o ensino, em especial para a escola pública, face às vulnerabilidades sociais encontradas.

Vale o destaque de que as novas tecnologias, por si só, não são capazes de desenvolver o conhecimento dos educandos, entretanto, podem ser facilitadores do aprendizado. É possível utilizar muitas ferramentas tecnológicas para auxiliar no aprendizado dentro e fora da sala de aula, conforme estabelece Souza (2011). Pode-se citar como exemplo, o fato de se ter os recursos audiovisuais que conseguem estimular a linguagem oral e escrita, explorar a capacidade visual e auditiva, porque são recursos que favorecem a motivação e o bom relacionamento entre os envolvidos.

Para Silva (2010), outra exemplificação diz respeito ao uso dos recursos midiáticos, que podem revolucionar a educação, desde que escola e os educadores entendam que a tecnologia de informação e comunicação compreende recursos tecnológicos que envolvem computadores e redes, em destaque a internet, e que, por conseguinte, deverão estar à disposição dos educadores e também dos alunos para que o processo se desenvolva mais adequadamente, entre eles os diversos aplicativos, inclusive de celulares.

Chamada de TIC, a Tecnologia da Informação e Comunicação é a área que utiliza ferramentas tecnológicas com o objetivo de facilitar a comunicação e o alcance de um alvo comum, como o ensino e a aprendizagem, consoante à conceituação de Warschauer (2006).

Além de beneficiar a produção industrial, a TIC, pode também ser muito útil na potencialização dos processos de comunicação e na revolução do ensino e das pesquisas científicas, como se observa a seguir:

As Tecnologias da Comunicação e da Informação (TIC) permitem a interação num processo contínuo, rico e insuperável que disponibiliza a construção criativa e o aprimoramento constante rumo a novos aperfeiçoamentos. Quanto às escolas, as tecnologias da informação e comunicação e principalmente seu estudo devem permear o currículo do indivíduo e sua disciplina. (ALMEIDA, 2011, p. 36)

Almeida (2011) estabelece ainda que o uso das TIC, com propósito da criação de uma rede de conhecimentos, favorece a democratização do acesso à informação, a troca de informações e experiências, a compreensão crítica da realidade e o desenvolvimento humano, social, cultural e educacional, independente da faixa etária em análise.

Kenski (2007) apresenta a tecnologia dos celulares, aliada com a internet, que é capaz de modificar os hábitos e atitudes humanas. No cotidiano, vê-se o uso da internet e de vários recursos por meio do aparelho celular. Esta realidade é vista nos mais diversos ambientes, dentre eles a sala de aula, na qual tem se tornado muito exigido o celular como recurso tecnológico. E por isso, alinhar essa tecnologia aos conteúdos pedagógicos, tornou-se uma necessidade e um grande desafio para os professores, pois exige deles planejamento e treinamento previamente determinados para cumprir o fim que se propõe.

4. Perspectivas do processo de ensino e aprendizagem

Observa-se que o processo de ensino e aprendizagem é desenvolvido respeitando a singularidade dos alunos, seguindo os fundamentos do trabalho educativo e do desenvolvimento da aprendizagem, dando sentido aos sujeitos envolvidos nessa ação (Cf. SAVIANI, 2002).

Ao se analisar a situação atual da prática educativa nas escolas, identifica-se problemas como: a grande ênfase dada a memorização, pouca preocupação com o desenvolvimento de habilidades para reflexão crítica e autocrítica dos conhecimentos que aprende; as ações ainda são centradas nos professores que determinam o quê e como deve ser aprendido e a separação entre educação e instrução (Cf. ROGERS, 2007).

Para Mizukami (2006), a solução para tais problemas está no aprofundamento de como os educandos aprendem e como o processo de ensinar pode conduzir à aprendizagem. O processo de ensino-aprendizagem tem sido historicamente caracterizado de formas diferentes, que vão desde a ênfase no papel do professor como transmissor de conhecimento, até as concepções atuais que concebem o processo de ensino-aprendizagem com um todo integrado que destaca o papel do educando. Ainda para Mizukami (2006), nesse último enfoque, considera-se a integração do cognitivo e do afetivo, do instrutivo e do educativo como requisitos psicológicos e pedagógicos essenciais.

A concepção é que o processo de ensino-aprendizagem é uma integração dialética entre o instrutivo e o educativo que tem como propósito essencial contribuir para a formação integral da personalidade do aluno. Entende-se que este estudante ao se deparar diante de uma situação problema ele seja capaz de enfrentar e resolver os problemas, de

buscar soluções para resolver as situações. Ele tem que desenvolver sua inteligência e isso só será possível se ele for formado mediante a utilização de atividades lógicas (Cf. PIAGET, 1975).

O processo educativo se logra com a formação de valores, sentimentos que identificam o homem como ser social, compreendendo o desenvolvimento de convicções, vontade e outros elementos da esfera volitiva e afetiva que junto com a cognitiva permitem falar de um processo de ensino-aprendizagem que tem por fim a formação multilateral da personalidade do homem (Cf. ALMEIDA, 2007).

5. O ensino presencial e o ensino remoto: breves considerações

Considerando-se um cenário de grande uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC's), as modalidades de ensino com uso das redes digitais são evidenciadas como habilitadas a atender educandos de forma flexível, além de possibilitar a potencialização da aprendizagem (Cf. CARVALHO, 2013)

E por isso, junto a esse debate, questiona-se a qualidade do ambiente virtual, o enfoque da educação, a formação docente para uso específico dessas metodologias ativas e a capacidade da internet de acesso dos professores e alunos (SANTOS, 2020).

Destaque que em meio a uma pandemia da Covid-19, as instituições educacionais tiveram que fechar suas portas temporariamente e deslocar as aulas presenciais para o ambiente virtual, o que se configurou como um desafio para a comunidade pedagógica (Cf. PALÁCIO, 2020).

Na conjuntura pandêmica, surge a discussão sobre as diferentes modalidades de ensino por meio das TIC's e as modificações que decorrem dessa transição do presencial para o que chamamos de remoto. Sabendo que as mudanças causadas pela pandemia foram repentinas, não houve tempo para planejamento e adaptação no âmbito educacional, o que sugere um descontentamento em relação ao processo de ensino-aprendizagem nos meses iniciais de aulas virtuais, que pode ser visto em redes de instituições privadas e públicas (Cf. DA ROCHA, 2020).

Para Santos (2019), todas as modalidades supracitadas usam a tecnologia ao seu favor, seja como forma de potencializar, ou como meio de disponibilizar esse ensino-aprendizagem para aqueles que não podem

estar presencialmente em uma instituição. Contudo, essa manutenção tecnológica para usos pedagógicos exige um processo de inclusão digital que supõe um deslocamento do que é palpável para o universo que há dentro do ciberespaço.

Nota-se que os discentes e docentes precisam ter um conhecimento sobre informática básica, como uso de planilhas, acesso aos portais de ensino e pesquisa, e outros, conforme é observado a seguir:

Além de infraestrutura adequada de comunicação, de modelos sistêmicos bem planejados e projetos teoricamente bem formulados, o sucesso de qualquer empreendimento nesta área depende, fundamentalmente, de investimentos significativos que deverão ser feitos na formação de recursos humanos, de decisões políticas apropriadas e oportunas, amparadas por forte desejo e capacidade de realização. (MARQUES; SOUZA, 2016, p. 1)

Segundo Campos (2019), educar é responsabilidade da família, de ajudar o estudante em seu desenvolvimento pessoal, profissional e sua construção de identidade, enquanto o papel da escola está no ensinar, no qual se refere à cultura, leis e o processo de desenvolvimento. Lembrando que cada um ensina e aprende à sua maneira, independentemente de ensino presencial ou remoto.

6. *O uso de aplicativos: uma breve análise discursiva em sala de aula*

Conceituando a Análise do Discurso, observa-se que é uma vertente da linguística que se ocupa em estudar o discurso e como tal, evidencia a relação entre língua, discurso e ideologia. E por isso, tem-se:

Partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha-se a relação língua, discurso e ideologia. Essa relação se complementa com o fato de que, como diz Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido. (ORLANDI, 1999, p. 17)

Logo, os sentidos das palavras podem mudar conforme a situação em que são usadas e conforme o lugar social ocupado pelo sujeito que fala Mariani (1999). E, por conseguinte, corrobora Soares (2007), ao observar que se busca entender quais são os sentidos construídos, uma vez já ditos ou reconstruídos, ora retomando discursos em forma de paráfrase e reproduzindo sentidos, ora em uma disputa acirrada de efeitos próprios do discurso.

Consoante a Baylon e Mignot (1999), a teoria da Análise do Discurso configura-se como uma atividade cotidiana inseparável do exercício da linguagem. O indivíduo “analisa” seu jornal, a carta que acaba de receber, a conversa à mesa vizinha, o que escuta no rádio, um cardápio de restaurante, dentre outros. E logo, esta análise, muitas vezes, é praticada inconscientemente, pode demandar um esforço mais considerável, às vezes percebido como tal, no momento em que palavras e textos parecem esconder um sentido não imediatamente acessível e se dirigem a pessoas difíceis de identificação.

Portanto, evidenciam-se as teorias aqui discutidas e sua relação com a prática dos estudantes que se utilizam de aplicativos para a sua rotina de ensino e aprendizagem, conforme a análise que segue na figura 1:

Figura 1: Postagem sobre uso de celular na escola.



Fonte: Pesquisa de campo (2021)

A figura 1 foi retirada da rede social *Facebook*, cuja postagem se deu no dia 27 de outubro de 2014, tendo um total de 90 (noventa) engajamentos, comumente chamada de curtidas ou *likes*, bem como 11 (onze) compartilhamentos, e ainda 11 (onze) comentário a, em que ocorre divergências quanto ao uso ou não do celular e seus aplicativos em sala de aula.

Um dos comentários favoráveis estabelece: “Acho que devemos saber lidar com as novas tecnologias. Proibir é pensar fora da caixa! O professor precisa ir além da repetição”. Por sua vez, um dos comentários contrários cita: “Deveria ser proibido. Às vezes é necessário ter regras para podermos aprender. Não digo turmas de adultos onde cada um já sabe de si mas para crianças e adolescentes”.

Nota-se, entretanto, que além de expandir o espaço de aprendizagem para o ambiente virtual, os aplicativos educacionais abrem novas possibilidades de estudos na sala de aula. Fazer o uso dos recursos disponíveis para uma geração que já nasceu submersa nas novas tecnologias pode ser mais produtivo e eficiente, uma vez que, produzindo e reproduzindo mídias, essas poderão ser facilmente entendidas e compartilhadas no meio virtual (Cf. NAGUMO, 2019).

Nota-se que mesmo que o uso inadequado possa prejudicar o rendimento dos alunos, essas tecnologias e equipamentos, quando utilizados com objetivos específicos e bem definidos, são capazes de promover a interação entre os alunos e toda a turma e auxiliar também no processo de ensino–aprendizagem (Cf. MACHADO, 2016).

A importância de se compreender os discursos é fundamental, conforme anteriormente, pois para Pêcheux (1990), a Análise do Discurso, pelo fato de estar no entremeio das ciências humanas e sociais, a análise discursiva trabalha com o imaginário, sendo esse, um dos pontos a serem analisados pelo analista do discurso, que tem como um dos objetivos identificar de que forma o imaginário é retratado e vivenciado.

Analisar o discurso é determinar as condições de produção textuais, pois de acordo com Foucault (2004), a enunciação pode ser reconstruída pelas marcas espalhadas no enunciado; é no discurso que os valores do texto se percebem com mais clareza.

Assim, ainda conforme Nagumo (2019), as análises discursivas fazem a compreensão de quem em uma era cujo conhecimento é fortemente veiculado por tecnologias inteligentes, capazes de nos auxiliar poderosamente nas ações dedicadas ao saber para o então, aprender, esse princípio torna-se ainda mais evidente.

7. Considerações finais

Concluiu-se que a Análise do Discurso é relevante pelo fato de fornecer métodos teóricos eficientes para a análise de todo tipo de discurso, como também nos auxilia a ultrapassar a superficialidade da primeira leitura de um texto.

Ficou evidenciado também que o processo de ensino e aprendizagem passa por mudanças com certa frequência. As aulas devem

ser mais criativas, de forma que retratem a realidade dos alunos. A aplicação de exercícios onde eles possam visualizar e raciocinar devem substituir as antigas atividades de memorização.

Apreendeu-se no tocante à tecnologia que não há motivos para rejeitar um recurso que pode ser um forte aliado no processo de construção de aprendizagem do aluno, mesmo sabendo que os recursos tecnológicos apresentam desafios iniciais de utilização.

Destaque à conclusão de que a capacitação dos professores é fundamental. Isso ocorre, inclusive, pela memória de que o uso da internet na escola também passou por toda essa dinâmica de discussões, debates, avaliações porque apresentava algumas demandas a serem incorporadas na rotina da escola. O que não foi diferente com o celular, nem com outras ferramentas ou aplicativos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. E. B. *Tecnologia na escola*. 2011. p. 69-73. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/2sf.pdf>. Acesso em: 21set2021.

ALMEIDA, J. L. V. *Mediação dialética na educação escolar: teoria e prática*. São Paulo: Loyola, 2007.

BAYLON, C.; MIGNOT, X. *La communication*. 2. ed. aumentada. Paris: Nathan Université, 1999.

CAMPOS, A. M. A. de. *Jogos matemáticos: uma nova perspectiva para discalculia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2019.

CARVALHO, A. H. *A evolução histórica da educação a distância no Brasil: avanços e retrocessos*. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, Modalidade de Ensino a Distância) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná. 2013. Disponível em: http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4653/1/MD_EDUM_TE_II_2012_01.pdf. Acesso em 14out2021.

DA ROCHA, G. K. As ciências em tempos de coronavírus. *Cadernos Cajuína*, v. 5, n. 1, p. 1-3, 2020.

FANTIN, M. Alfabetização Midiática na Escola. In: VII Seminário Mídia, educação e Leitura. 10 a 13 de Julho. Campinas-SP, 2007. Disponível em:

http://www.alb.com.br/anais16/sem05pdf/sm05ss15_06.pdf. Acesso em 10out2021.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. *A ética do cuidado de si como prática da liberdade. Ética, sexualidade, política* (Original publicado em 1984). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GATTI, B. *Algumas considerações sobre procedimentos metodológicos nas pesquisas educacionais*. *ECCOS – Revista Científica*, n. 1, 2017. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/715/71511277007.pdf>. Acesso em: 03out2021.

GOODMAN, P. *Technology and organizations*. San Francisco, Jossey Bass Publishers, 1990.

GROSSI, M. G. R.; FERNANDES L. C. B. E. Educação e tecnologia: o telefone celular como recurso de aprendizagem. *EccoS – Revista Científica*, n. 35, p. 47-65, set./dez. São Paulo, 2014

KENSKI, V.M. *Educação e tecnologias*. O novo ritmo da informação. 2. ed, Papyrus, 2007.

MACHADO, J. L. de A. *Celular na sala de aula: O que fazer?* 2016. Disponível em: www.planetaeducacao.com.br. Acesso em: 25set2021.

MARIANI, B. *O PCB e a imprensa; o imaginário sobre os comunistas nos jornais*. Rio de Janeiro, Campinas: Revan/UNICAMP, 1998.

MARQUES, C. L.; SOUZA, A. M. Políticas públicas educacionais no ensino profissionalizante a distância: um olhar sobre a inclusão social. *Journal of Research in Special Educational Needs*, v. 16, n. 1, 2016.

MIZUKAMI, M. da G. N. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: EPU Editora Pedagógica Universitária, 2006.

MORIN, E. *Para sair do século XX*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1986.

NAGUMO, E. O uso do aparelho celular dos estudantes na escola. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília. Brasília-DF, 2019.

ORLANDI, E. P.; GUIMARÃES, E.; TARALLO, F. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas-SP: Pontes, 1999.

ORLANDI, E.P. A análise de discurso e seus entremeios: notas sobre a sua história no Brasil. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 42, p. 21-40, Campinas, jan./jun. 2002.

PALÁCIO, M. A. Em tempos de pandemia pela COVID-19: o desafio para a educação em saúde. *Vigilância Sanitária em Debate: Sociedade, Ciência & Tecnologia*, v. 8, n. 2, 28 abr. 2020. Disponível em: <https://visaemdebate.incqs.fiocruz.br/index.php/visaemdebate/article/view/1530>. Acesso em: 08out2021.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990.

PIAGET, J. *Para onde vai a educação?* Rio de Janeiro: José Olímpio. 3. ed., 1975.

ROGERS, C. R. *Liberdade para aprender*. Belo horizonte: Interlivros, 2007.

SANTOS, E. *Pesquisa-formação na cibercultura*. Teresina: EDUFPI, 2019.

SANTOS, A. *Coronavírus faz educação à distância esbarrar no desafio do acesso à internet e da in experiência dos alunos*. Informe Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, 2020. Disponível em: <http://www.ensp.fiocruz.br/portalenp/informe/site/materia/detalhe/48741>. Acessado em 10out2021.

SAVIANI, D. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. São Paulo: Autores Associados, 2002.

SILVA, J. C. da; ARAÚJO, A. D. de. A metodologia de pesquisa em Análise do Discurso. *Grau Zero: Linguagem, Educação e Democracia*. Revista de Crítica Cultural, v. 5, n. 1, 2017.

SILVA, J. D. Tecnologia e educação: artefatos tecnológicos na dependência de mediadores transformadores. *APASE*, Ano XI, n. 26 – outubro de 2010.

SOARES, A. S. F. O discurso jornalístico e seus rituais. *Revista ECOPÓS*, v. 10, n. 2, jul/dez, 2007.

SOUZA, R. P. F. *Tecnologias digitais na educação*. Campina grande: EDUEPB, 2011.

WARSCHAUER, M. *Tecnologia e inclusão social: a exclusão digital em debate*. São Paulo: Senac São Paulo, 2006.